

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

O Bairro de Campinas: A Querida Campininha das Flores – 208 Anos¹

Vivaldo Jorge de Araújo ²

Somente em 15 de junho de 1.907, Campinas era elevada à condição de vila, passando à de cidade em 08 de julho de 1.914, mas a fundação do arraial que lhe deu origem aconteceu em 1.810, com a chegada dos primeiros fazendeiros à região, entre os quais Joaquim Gomes da Silva Gerais, que, no ano de 1.813 ou 1.814, edificou a capela de Nossa Senhora da Conceição, daí ser considerado o fundador da urbe.

Com a vinda dos missionários redentoristas em 1.895 e a conseqüente criação do colégio Santa Clara a partir de 1.922 e, graças ao idealismo de Edmundo José de Moraes – o pioneiro do rodoviarismo em Goiás -, que promoveu a abertura da rodovia ligando a estaçãozinha ferroviária de Roncador, nas imediações de Pires do Rio, a Currealinho (Itaberaí), com passagem por Campinas, esta veio experimentar um grande surto de progresso econômico-cultural, que muito influenciou para sua vizinhança ser escolhida a sediar a construção de Goiânia.

¹ Artigo publicado no jornal Diário da Manhã de Goiânia no dia 15/06/2018, caderno Opinião Pública, pag. 8. Site do jornal: dm.com.br

² Ex-professor de História e Língua Portuguesa do Lyceu de Goiânia, ex-assessor jurídico de Tribunal de Justiça, escritor e procurador aposentado do Ministério Público Goiano. Autor de: “Análise Sintática” (1973), “Crepúsculo Vivo”(poemas-1978), “História da Terra Branca e Outros Coisas Mais” (Editora Kelps-2000)

Consta que a escolha já havia sido premeditada por Pedro Ludovico, muito embora, formalmente, existisse uma comissão constituída para tal fim, que estudava todas as condições de implantação do projeto, inclusive levando-se em conta que, nas proximidades de Bonfim (Silvânia), ficaria bem mais barata, por ali já haver um terminal ferroviário.

Figura 1. Estádio Antonio Accioly Goiânia-GO



O novo líder goiano, muito culto, honesto e realizador, mas bastante autoritário, considerava melhor o sítio nos arredores de Campinas, porque, além de ser local muito apropriado, não existia ali intransigência de “coronelismo” no comando da política. Por tudo que aconteceu posteriormente, não fosse seu pulso forte, a capital não teria sido transferida para Goiânia. Teve que contrariar companheiros e enfrentar adversários, até mesmo arbitrariamente, e tudo se fez por força de decretos, como muito bem ficou historiado na melhor e mais judiciosa e completa obra sobre o assunto – “A Invenção de Goiânia: O Outro Lado da Mudança”, de autoria do ilustre promotor de justiça e historiador Jales Guedes Coelho Mendonça.

Campinas deixou de ser uma unidade autônoma para se integrar no Município de Goiânia e se viu, por muito tempo, relegada ao abandono da administração, embora se constituísse, através de sua grande atividade no comércio e indústria, na maior fonte de arrecadação dos tributos. Sua população continuava convivendo com a poeira das ruas sem pavimentação, sem esgoto sanitário e água encanada. Isso perdurou até o final dos anos 50 e meados dos anos 60.

Chegou a existir no bairro, em 1962, um movimento, que tinha como porta-voz um combativo órgão divulgador—o “Jornal de Campinas”—, dirigido por Waltrudes Cunha, em prol da restauração do município ou da sua emancipação. Havia a participação de importantes membros da

comunidade, entre outros, cujos nomes me fogem à memória, cito os pioneiros Osterno Ponteciano e Silva e Licardino de Oliveira Ney, os vereadores José Bibiano de Carvalho, Odon de Moraes, Mussi Rassi, José Luís Bitencourt, José Rodrigues Naves Junior, este foi o grande líder da emancipação da vizinha cidade de Goianira, a antiga São Geraldo. Entre os demais entusiastas, estavam Luís Machado, João de Brito Guimarães, Joaquim Frauzino, José Bitico, Elias Bechara Daher, Cel. Arnaldo Sarmento, e tantos outros que tinham o respaldo da sociedade, inclusive o missionário redentorista, o saudoso Pe. Nelson Antonino (escolhido presidente de honra) e Manoel Dias Correia (eleito presidente). Waltrudes era tão campineiro que, mesmo sendo atleticano, fundou o Campinas Futebol clube, cujo estádio leva seu nome.

Havia os contrários, segundo os quais, uma emancipação tiraria o “status” de Campinas como capital. Se houvesse um plebiscito, acredito que o sim pela emancipação triunfaria, mesmo sem o apoio da então Vila Coimbra, cujos habitantes não admitiam seu bairro ficar pertencendo a Campinas. Osterno, que, juntamente com Licardino e outros, entre os quais minha pessoa, havia fundado a Associação Pró-Melhoramentos de Campinas, sempre dizia que a emancipação seria um ideal dificilmente realizável, por isso o trabalho da associação poderia ter efeito mais prático, devido à sua finalidade maior de promover o bem-estar dos habitantes, tal como foi sugerido pelo Pe. Nelson, ao propor a união das duas entidades, conforme relata Geraldo Silva Queiroz, em seu excelente livro “Lembranças de um Pioneiro” (edição de 2018).

Alguns campineiros achavam que a questão poderia ser tratada judicialmente, sob o fundamento de que a supressão da autonomia do município não poderia ter sido realizada por decreto, porquanto já imperava o regime da Constituição Federal de 34. Esta, porém, era omissa sobre criação de municípios e a carta constitucional do Estado de Goiás só foi promulgada em 04 de agosto de 1.935, dois dias depois da assinatura do decreto, que aconteceu em 02 de agosto de 1.935, daí a inviabilidade de qualquer pleito judicial.

Em face da falta de respaldo político, a emancipação seria muito difícil, mas a campanha somente perdeu fôlego após o prefeito Hélio Seixo de Brito ter dado os primeiros passos para a duplicação da Av. Anhanguera (antiga Amazonas e Mal. Floriano) e sobretudo após a sua conclusão, quando Iris Rezende Machado assumiu o comando da Prefeitura, em seu primeiro mandato, no fim da década de 60, ocasião em que todo o bairro foi asfaltado e o governador Otávio Lage se viu pressionado a ampliar a rede de esgoto sanitário. Nas inaugurações, em dias distintos (outubro de 1968), no alto da rua Benjamim Constant, em frente à igreja N.S. Aparecida, tanto a comitiva municipal com presença do prefeito Iris, como a estadual chefiada pelo então Secretário de Serviços Sociais

Gabriel Elias Neto, acompanhado de Marcos Sabag e de funcionários da Saneago, ambas foram recepcionadas na residência de dona Maria Jorge, que se tornou famosa pela produção artesanal de eficiente vermífugo para combate à *Tênia* (solitária). A iluminação pública somente se completou a partir do ano de 1.974, na gestão do prefeito Rubens Guerra, que exigiu do governo estadual a solução do problema.

Atualmente, Campinas enfrenta a grande dificuldade de um trânsito bastante complicado e o núcleo residencial praticamente cedeu lugar ao comércio, com suas calçadas cheias de ambulantes, que dificultam a passagem dos transeuntes. Que saudade daqueles tempos de outrora! Lembro-me das noites na Praça Joaquim Lúcio e na Av. 24 de Outubro, em frente ao Cine Campinas, onde as lindas garotas passeavam no seu vaivém, sob os olhares da rapaziada, que mais tarde resultou em pessoas de grande destaque em todos os ramos culturais da atividade humana, mas a maioria delas preferia namorar quem residisse em Goiânia (naquele tempo não se falava em centro da cidade). Como eram alegres as festinhas nas residências, sobretudo as juninas de São João na casa de Vicente de Faria (Av. São Paulo) e de Santo Antônio, em casa do Sr. Fonseca, na esquina da Av. Mato Grosso com a Rua Jaraguá, onde se viam pessoas imbuídas de profunda fé religiosa atravessarem descalças pisando brasas de fogueiras, sem ocorrência de queimaduras!

Nos anos 50, havia o famoso bar do Rufino, na esquina da Av. Paraná com a Rua Pouso Alto, onde a mulherada da zona boêmia freqüentava com vestidos muito decentes e o samba rolava no salão, sem excessos, ao som de bons conjuntos musicais, com a presença de um ótimo cantor, que gostava de iniciar a noitada com o samba-canção *Favela*, de Roberto Martins e Waldemar Silva, cujos versos iniciais dizem: “Favela, oi Favela, Favela que trago no meu coração”!

Na Avenida 24 de Outubro, entre as Ruas Quintino Bocaiúva e Jaraguá, havia o bar do Romário, cujo salão era freqüentado pela juventude campineira, inclusive as garotas do colégio Santa Clara, em maravilhosos vesperais, aos domingos. Lá, no ano de 1.958, tive a satisfação de conhecer o bravo e erudito jornalista Batista Custódio, fundador do combativo semanário “O Cinco de Março”, precursor de nosso querido “Diário da Manhã”- o mais completo e eficiente jornal da atualidade, que merece o respeito e admiração de todos que amam a cultura, um dos raríssimos jornais do mundo que oferecem caderno especial para opinião de seus leitores.

Era muito emocionante ouvir, em algumas festividades, os seresteiros Josafá Nascimento e Wolmar de Abreu. Este sempre cantava uma bela canção italiana – “Guitarra Romana”. De vez em quando, íamos pela madrugada afora, em serenata para as alunas do colégio Santa Clara, em cuja

vizinhança havia a Pensão Fluminense, onde se hospedava uma inteligente jovem mineira goianizada (M.H.F.) que foi a grande paixão dos meus saudosos 20 anos. Quantos sonhos nos encontros quase diários! ... os bailes... As seções do Cine Campinas e do Eldorado (filmes: “ O Suplicio de uma Saudade”, “Música e Lagrimas” e “Férias de Amor”, estrelado pela linda Kim Novak) ... Finalmente, uma viagem de trem de ferro (Rede Mineira de Viação). MAS TUDO TERMINOU TÃO DE REPENTE, COMO UM DIA NASCIDO COM ESPLENDOR E QUE, À TARDE, MORREU CHEIO DE DOR LUTANDO CONTRA A NOITE NO POENTE (versos finais de um soneto por mim escrito).

Segundo o filósofo Huberto Rohden, há três tipos de homens no relacionamento com as mulheres: os compreensivos, que as estimam e as entendem; os abusadores, que as tratam como objetos e são capazes de tudo e, finalmente, os adoradores que simplesmente as idolatram. Sempre fui um desses últimos.

Inesquecíveis as festas juninas do Sesc, com as quadrilhas marcadas pelo Salomão e por mim, e as tradicionais barraquinhas do Atlético, no estádio Antônio Acioli, com as quadrilhas marcadas pelo Bosquinho, completadas, às vezes, pelas que vinham da Paróquia São Judas Tadeu, sob o comando do Sr. Branquinho, tendo à frente o saudoso Frei Confaloni, grande torcedor do clube. Nesses eventos sempre acontecia a coroação das lindas rainhas, em festivas noitadas, ao som da famosa bandinha do Louli que, também nas tardes esportivas, animava a vibrante torcida do dragão liderada pelos gritos de um entusiasmado torcedor que exclamava, com todas as forças “Respeita as cores”! Lá aparecia também a figura folclórica de Afonso Gordo, o Afonsinho do pistom, que gostava de aproximar-se de uma garota soprando romanticamente o instrumento.

E por falar em Atlético, aliás não se pode falar sobre Campinas sem se lembrar dele, com todas as suas glórias. É o primeiro clube goiano a derrotar um forte esquadrão europeu, base da seleção de seu país, o CSKA de Sofia, Bulgária, que depois de vitorioso em jogos com tradicionais equipes do Brasil perdeu para o Atlético, em 24/05/1970, pelo placar de 2x1. Curioso é que os jogadores búlgaros não quiseram hospedar-se em um hotel do setor Universitário, exigindo melhor acomodação. Fato estranho, pois eram, na época, cidadãos de um país socialista, que se dizia popular, sempre censurando a burguesia do luxo.

O dragão campineiro, o mais antigo da cidade, foi o primeiro time goiano a conquistar um título nacional, o torneio da integração, que, embora não reconhecido pela CBF, porque foi organizado pela Federação goiana, contou com a presença 16 clubes de vários estados, no ano de 1.971. São eles,

além dos 05 goianos (Atlético, Goiânia, Goiás, Campinas e Anápolis) Fast Club (Amazonas), Sampaio Correia e Moto Clube (Maranhão), Botafogo (Paraíba), Fluminense (Feira de Santana - Bahia), Náutico (Pernambuco), Ponte Preta (Campinas SP), Desportiva Ferroviária (Espírito Santo), Campo Grande (Rio de Janeiro), Fortaleza (Ceará) e União Bandeirante (Paraná).

A decisão final foi com a Ponte Preta, sob o comando do técnico Cilinho. Trata-se do segundo time mais antigo do País, com muita tradição, sendo recordista como vice-campeã, em diversas competições nacionais e internacionais, mas sem conquistar títulos, seja no campeonato paulista ou nacional. O Atlético venceu jogando sob a direção do técnico Paulo Gonçalves, com a seguinte formação: Pedro Bala, Dida, Marcos, João Alves e Tung; Zé Geraldo e Dezoito; Claudinho (Luizinho), Dádi, Pagheti e Raimundinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“A Invenção de Goiânia: O Outro Lado da Mudança”, de autoria do promotor de justiça e historiador Jales Guedes Coelho Mendonça.

Livro “Lembranças de um Pioneiro” (edição de 2018) Geraldo Silva Queiroz.

Artigo do jornalista Antônio Cesar caldas Pinheiro, membro do IHGG, publicado em “Campininha das Flores”, de autoria do jornalista Antônio Moreira (Editora Kelps-2011)